

# Judith, Holofernes, a Velha Serva e Carlo Ginzburg: diálogos sobre a escrita da história

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 454p.

Enviado em:

01/01/2014

Aprovado em:

20/06/2014

**Silvano Fidelis de Lira**

silvanohistoria@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba

---

Na narrativa bíblica, contida no Antigo Testamento, Judith aproveita o momento que Holofernes, embriagado, repousa em seus aposentos para traçar seu plano. Tudo está orquestrado, ela inicia ordenando que sua criada ficasse em guarda na parte de fora do quarto, desconfiada e receosa a velha obedece a sua senhora. Na penumbra do quarto, enquanto tecia preces a Deus, Judith pega a espada e com dois golpes na nuca, decepa a cabeça do grande rei assírio, a velha entra contempla aquela cena. Consolida-se, assim, a vitória sobre o inimigo opressor de seu povo. Após ter feito o grande ato de sua vida, ela canta louvores em agradecimento por ter conseguido derrotar o grande guerreiro.

295

Mas o que tem o episódio bíblico e a obra de Caravaggio com a obra a ser apresentada aqui?

Os detalhes, os pormenores negligenciados, sempre foram um tema muito caro às análises históricas de Carlo Ginzburg. Suas pesquisas sempre buscam uma interpretação do passado a partir de detalhes, geralmente ignorados por outros estudiosos, não raramente ele remete a estudos anteriores que deixaram escapar detalhes, sinais que lhe possibilitaram um novo estudo. A decapitação de Holofernes, pintada por Caravaggio, serve para convidar o leitor a adentrar em uma de suas mais importantes e polêmicas produções. Comecei a ler o livro pela imagem. A capa de “o fio e os rastros”, traz uma pequena parte da pintura de Caravaggio, na verdade um detalhe, precisamente os rostos assustados e desconfiados de Judith e de sua criada. Olhares que se dirigem para o vazio, para a morte, olhares que parecem temer e estranhar o acontecimento que desenrolava na alcova do grande rei. Estaria aquilo acontecendo? Teria Judith com sua esperteza dominado a força?

O olhar de Judith transmite certo medo, ela franze a tez enquanto afasta-se de seu ato, parece não querer se sujar com o sangue que jorra. A velha e curvada criada, aguarda o momento em que receberá a cabeça e a colocará dentro do saco que segura, ela terá posse da prova.

Talvez, e posso usar a incerteza de um *talvez* sem culpa alguma, a probabilidade e a suposição no texto histórico é um tema de destaque nessa obra, Carlo Ginzburg ao reunir os textos tenha olhado para a historiografia com certo estranhamento, possivelmente olhou com certo espanto para o que os historiadores estavam escrevendo e lendo, assumindo, muitas vezes posições céticas quando ao conhecimento do passado. Não queria ele vencer o inimigo com fez Judith? (Cf. PALHARES-BURKE, 2000: 287) Não estaria ele aguardando o momento oportuno para derrotar aqueles que vinham minando o campo da história?

Carlo Ginzburg é, sem dúvida, um dos personagens mais importantes do cenário historiográfico atual, dono de uma imensa lista bibliográfica, tornou-se autor consagrado e reconhecido mundialmente com a publicação de *O queijo e os vermes*, em 1976, obra em que conta a história de um moleiro do Friuli, região camponesa da Itália no início da era moderna, com este texto Ginzburg tornou-se leitura obrigatória nos cursos de graduação e pós-graduação em história, o formato do texto permite que seja lido por especialistas ou leigos, essa é uma característica de seus livros, sobretudo, daqueles que se dedicam a uma investigação, digamos, temática (GINZBURG, 1989; 1991). No que se refere a seus textos de pesquisas sobre casos específicos, percebe-se uma linguagem leve, acessível e bem próxima dos domínios da literatura, talvez advenha daí o sucesso editorial de Menocchio, tido como um herói e mártir da palavra (RIBEIRO, 2006), já seus textos teóricos, nota-se uma grande erudição, aliada a uma capacidade de diálogo com outros autores, alguns já clássicos, que lhe é peculiar.

A biografia de Carlo Ginzburg certamente foi decidida a partir do ambiente intelectual em que nasceu e passou a infância, teve contato indireto com pensadores que se destacavam no mundo acadêmico, seu avô paterno era amigo e frequentador da casa de Norberto Bobbio. Nascido em 1939, em Turim, no seio de uma família judia, o menino Ginzburg conviveu com um pai, professor de literatura russa, morto pelos nazistas em Roma, no ano de 1944, sua mãe, Natalia Ginzburg, uma renomada escritora, de quem ouvir muitos contos de fadas, de bruxas voadoras e de animais que transformam em humanos durante as cerimônias do Sabah, talvez tenha tido um papel decisivo em sua formação e mesmo em seu estilo de escrita, foi nela que ele se inspirava e que deseja seguir em carreira profissional, contudo,

os ventos de Roma o fizeram se interessar pela história, segundo ele mesmo a leitura de Marc Bloch, fundador da revista dos *Annales*, foi decisivo em seu início de vida intelectual. Carlo Ginzburg também teve “paixonites” pela pintura, o que o levou mais tarde a dar uma pequena parcela de seus estudos à história da arte, temática com que dialogou em muitos de seus textos.

Esses são apenas alguns aspectos de sua biografia, talvez, muitos os considerem sem relevância. Mas quem é esse senhor de cabelos inquietos, que incomoda tantos historiadores modernos, ou pós-modernos?

“*Sou um judeu, um ateuista, um historiador*”<sup>1</sup> com essas palavras o historiador italiano se identifica ao escrever uma carta ao Papa João Paulo II, solicitando acesso aos arquivos inquisitoriais preservados nos arquivos do Vaticano, e que até o momento estavam sob a salvaguarda do então Cardeal Ratzinger, que mais tarde se tornaria o conservador papa Bento XVI, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, instituição que tinha objetivos semelhantes à Inquisição, sendo responsável por proteger a Igreja Católica das doutrinas heréticas que poderiam surgir, até mesmo dentro dela, é evidente que a resposta não foi imediata, passaram-se vários anos até que o próprio Ginzburg esquecesse aquela correspondência. Quase vinte mais tarde, em 1998, Karol Wojtyła resolve abrir os documentos do Santo Ofício, o que abriria um conjunto de possibilidades para pesquisas históricas. Ginzburg acredita que o “ser judeu”, teve grande importância para a decisão do papa, acreditando que ali se encontrava implicitamente um apelo político, a Igreja teria que dar uma resposta favorável aos judeus, que, após a Segunda Guerra Mundial, teriam que recontar a história de sua gente.

Seu trajeto intelectual inicia-se em 1966, com “*Andarilhos do bem*”, onde, através de uma vasta documentação, conta a história dos *benadanti*, camponeses friulanos que em cerimônias pagãs reunia-se para cultos em defesa das colheitas, dançando, untando-se com unguentos e gorduras de crianças mortas em sacrifícios pagãos, os *benadanti*, foram vistos pelos inquisidores como feiticeiros, adeptos de seitas que se caracterizavam como bruxaria. Se pensarmos o conjunto de sua obra, perceberemos que se trata de uma trajetória múltipla, deslocando-se entre os processos inquisitoriais até os liames mais tênues da teoria da historiografia.

Para Henrique Espada Lima (2007: 101), a principal contribuição de Carlo Ginzburg tem dado à historiografia tem sido propor uma nova abordagem das fontes e uma nova exposição dos fatos, aliadas essas duas características

---

1 Trecho de uma entrevista concedida a Rodrigo Bonaldo da Revista **O Norte**, publicada em 2010.

culminariam com uma escrita da história que prima pela narrativa. Para outros autores, a exemplo de Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2009: 45-64), quando se remete à análise historiográfica Carlo Ginzburg é mais um inquisidor do que um historiador, causando suspeitas, questionamentos vagos e sem sentidos, limitando-se a acusar sem problematizar, a exemplo do que faz com o filósofo Michel Foucault, segundo Albuquerque Jr. (ALBUQUERQUE JR, 2009: 48), Ginzburg, se limita em homogeneizar, reduzir o outro a traços simplificadores, torna-se, dessa forma, semelhante aos ferozes inquisidores que tanto pesquisou o que Albuquerque Jr., quer dizer é que a crítica feita por Ginzburg a Michel Foucault é superficial e sem fundamentos, em outro texto (ALBUQUERQUE JR, 2007: 101-132), ele dirá que, utilizando a obra dos dois autores que se trata de propostas teórico-metodológicas diferentes.<sup>2</sup>

Palavras como *fios*, *rastros*, *sinais*, *indícios*, são marcantes nos textos de Carlo Ginzburg, e tornaram-se ainda mais frequentes após a publicação de seu famoso ensaio (GINZBURG, 2007: 143-179), em que comentaria a sua prática e suas escolhas teórico-metodológicas, comentando o modelo ou paradigma indiciário, surgido no fim do século XIX, nesse mesmo texto ele deixará, de forma mais clara, quais as propostas de micro análise, ou micro história italiana, Ginzburg, vai mostrando que o historiador deve procurar pensar a história a partir daquilo que tem sido deixados de lado, buscando os indícios, sinais que muitas vezes escapam às análises generalizantes, a proposta dessa análise micro da história, não deve ser entendida, estritamente como essa busca de micro elementos, mas também como uma maneira de trabalhar as fontes, a micro história propõe um nova forma de leitura das fontes históricas.

“*O fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*”, foi publicado originalmente na Itália em 2006, com o título “*Il filo e le tracce: vero falso finto*”. Foi traduzido um ano depois no Brasil, pela Editora Companhia das Letras, que tem publicado grande maioria de suas obras, ganhou logo o público acadêmico. Neste livro, a condução se dá por meio de um fio; o relato histórico. O autor italiano dedicar-se-á a temas que tem habitado a historiografia pós anos setenta. Os ensaios reunidos fazem parte de uma “obra-manifesto”, contra o ataque cético, que Ginzburg considera nocivo à historiografia. Para ele este ataque viria, sobretudo, dos pós-modernos, que dariam à história um caráter ficcional, reduzindo-a a um discurso sobre o passado, segundo

---

2 O texto de Durval Muniz faz um confronto entre o “*Queijo e os vermes*”, de Carlo Ginzburg e “*Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, meu irmão e minha irmã*”, de Michel Foucault. Cf. ALBUQUERQUE JR, 2007: 101-132.

ele, esses debates pós-modernos, “não falariam da realidade, mas, sim de quem as construiu” (p, 9), tudo passaria a ser fruto de práticas discursivas, construídas por sujeitos que pretendiam desconstruir sem nada construir, portanto ignorariam as provas, as evidências, os sinais e reduziram o conhecimento histórico, a um discurso.

Cabe ressaltar que os quinze ensaios que compõem o livro foram escritos entre 1984 e 2005. Os ensaios que compõem a obra não forma um conjunto sequencial de temas, como próprio autor deixa claro na introdução, trata-se de “temas muito heterogêneos” (p, 7), seu objetivo é mostrar, através de textos com temas diversos, como ele faz história, quais os diálogos que estabelece durante a produção do conhecimento histórico.

Trata-se de uma obra densa fruto de pesquisas e reflexões sobre o cenário historiográfico peculiar que surge após os anos setenta,<sup>3</sup> momento que pensadores como Michel Foucault, Roland Barthes e Hayden White, passaram a exercer uma grande influência no pensamento dos historiadores, que para Ginzburg fariam parte de um grupo de “céticos”, “narrativistas”, seus textos vão, então, tentar combatê-los. Com o intuito de facilitar a leitura de seus textos todas as notas e referências ficam no final do livro, e, pasmem, há 949 delas, de fato, essa forma de escrita, que coloca as notas no fim do texto pode facilitar a leitura do leitor comum, contudo, dificulta a leitura e a consulta do pesquisador, que tem a todo o momento deslocar-se para o fim do livro. Em todo o texto o autor quer mostrar como se faz história e como ela dialoga com o ficcional e mesmo com não-verdadeiro, o fio condutor das reflexões é contar, narrar histórias.

A curta e incisiva introdução, escrita em 2005, já mostra quais as intenções na reunião dos textos, nela, Ginzburg aponta o seu projeto de combater o “ataque cético” e inicia uma problematização que ganhará corpo nos capítulos do livro; a relação entre ficção e realidade, ou melhor, a relação entre ficção e história, contudo, retomando a máxima aristotélica, conclui que o historiador tem um compromisso de falar daquilo que foi, embora não haja um conflito tão grave entre a história e a ficção, que é a própria existência.

O primeiro capítulo, dedicado a Arnaldo Momigliano, um dos principais nomes da historiografia antiga e do povo judeu, inicia-se por questionar a noção de verdade e suas implicações para o conhecimento histórico, ora, a verdade deve ser

---

3 Sobre a historiografia que se desenvolveu a partir da década de setenta, cf. MAINENTE; GAGLIARDO, 2010: 68-79.

o princípio da narrativa, contudo, isso não quer dizer que o autor, dose seu texto com certa carga de imaginação. Em história, a imaginação não deve ser combatida, ela deve ser ponderada, e utilizada na medida em que dialogue com as fontes e os indícios do passado. Ginzburg é claro quando diz que o historiador não inventa o passado, ele explica-o a partir das ações humanas, a escrita da história deve ter uma inteligência política e uma capacidade expressiva que a torne inteligível, a narrativa é o fio que deve conduzir o texto histórico. Mas, para fornecer a esse texto um lugar de verdade, uma legitimidade o autor lança mão de técnicas próprias de seu grupo, como nos recorda Michel de Certeau (CERTEAU, 2011), como citações e notas, mecanismos que podem ser considerados como “procedimentos destinados a comunicar um efeito de verdade” (CERTEAU, 2011: 37). A narrativa histórica para Ginzburg deve deleitar os leitores.

Mas o texto que o historiador tece é também arbitrário, é fruto de pré-conceitos e de juízos de valor. É fruto de um olhar e de um lugar. Ao recorrer aos *ensaios* de Montaigne, Carlo Ginzburg, mostrará, no terceiro capítulo que escrever sobre o outro, interpretá-lo, é escrever a partir de filtros e implicações cognitivas, estéticas e culturais, são através desses pontos que construímos representações o outro. Escrever o outro é dizê-lo, julgá-lo e montar imagens nossas do outro. O exótico, o estranho, nada mais é do que uma construção a partir dos estranhamentos. Estranhar é classificar, é dar ao outro um lugar marginal, fora das normas as quais estamos habituados.

Quais as fronteiras entre ficção e história? Ou melhor. Existe essa fronteira? Não haveria um diálogo entre a história e a ficção? Eis o diálogo travado no capítulo quarto. A partir da leitura de Jean Chapelain (1595-1674), e de seus textos sobre antigos romances, Ginzburg chegará a entender que os historiadores tendem a escrever exorcizando o mito, separam da história, assim como se separa o joio do trigo. Medo? Desconfiança? Insegurança? A história pode muito bem ser escrita e manter diálogo com aquilo que é mito e ficção (GINZBURG, 2008: 90), Carlo Ginzburg nos faz entender que é possível ao historiador fazer usos e abusos da literatura.

O ensaio “*Unus testis – O extermínio dos judeus e o princípio da realidade*”, já é um velho conhecido da historiografia brasileira, tornou-se popular a partir de sua publicação na coletânea organizada por Jurandir Malerba (GINZBURG, 2008: 211-232, o texto começa por questionar o poder das provas para a escrita da história. Seria possível escrever a história a partir de um documento ou de um único depoimento? Para seguir o fio da discussão, Carlo Ginzburg, utiliza o

exemplo do extermínio dos judeus acontecido em 1348 em uma pequena aldeia típica da Europa medieval, em que apenas um sobrevivente seria responsável por testemunhar o acontecimento. Mas seria um testemunho digno de credibilidade? Para ele sim. Nesse ensaio ele tece uma crítica ao relativismo e ao ceticismo epistemológico, que a seu ver, estavam contagiando a história. “A partir dos anos 60, as atitudes céticas de que estou falando tornaram-se cada vez mais influentes nas ciências humanas” (GINZBURG, 2008: 227). Carlo Ginzburg acusa Hayden White de relativizar as ciências humanas, a partir do tema do holocausto, Ginzburg vai mostrando que a história pode, e deve ser escrita a partir, das evidências que foram destruídas, ele afirma que a memória e a destruição da memória são elementos que compõem a história, o extermínio, em seu sentido estrito do termo, pode sugerir a ausência de testemunhos, mas não quer dizer uma anulação ou esquecimento do acontecimento.

Merece destaque o capítulo treze, dedicado em fazer um exercício de historicização da micro-história italiana. De maneira honesta, Ginzburg começa por dizer que não se trata de metodologia inventada por ele, mas faz parte de seu aprendizado como historiador, ele atribui o conhecimento do termo a Giovanni Levi, que associa o termo, a uma metodologia que parte da redução de escala de observação para, a partir daí construir o conhecimento histórico. A micro análise,<sup>4</sup> não implica um estudo isolado, ao contrário, uma das principais prerrogativas de um estudo micro analítico é a contextualização, assim foi feito com Menocchio, para entender como foi possível aquele moleiro elaborar sua cosmogonia, Carlo Ginzburg, recorreu ao cotidiano do Friuli, as relações sociais, aos livros que Menocchio leu. O moleiro é um fio por qual, é possível perceber inúmeros rastros, que compõem um enredo que articula uma personagem das classes subalternas com o arcabouço da Inquisição.

Em um pequeno ensaio, intitulado “*O inquisidor e o antropólogo*”, o autor propõe uma analogia entre a atividade do antropólogo e do inquisidor, assim direciona sua reflexão sobre sua própria atuação como historiador, Ginzburg discute a prática historiográfica a partir de um tema recorrente na antropologia que é a produção de uma documentação. Reconhecendo a importância e a fecundidade da pesquisa antropológica, ele mostra como esse olhar antropológico tem ajudado a entender os sujeitos que habitaram sua pesquisa, por exemplo, ao investigar

---

4 Compreendo que “Micro-história”, “Micro análise” são sinônimos, pois partem do princípio da redução da escala de observação proposta por Giovanni Levi.

Menocchio, Ginzburg fez um exercício de perceber não só a fala, mas os momentos de silêncio, as dúvidas, os sentimentos daquele personagem inquirido pela alta corte da Igreja Católica.

Digno de atenção é o apêndice do livro. Texto dedicado a historiadora Natalie Zemon Davis, e mais precisamente a sua obra, “O retorno de Martin Guerre” (DAVIS, 1987). Para Ginzburg, Natalie Davis ao narrar a história e as aventuras desse personagem permite ao leitor visualizar, por meio de processos sociais, a vida de homens e mulheres de uma classe não privilegiada (DAVIS, 1983: 313), para ele, a narrativa permite perceber a trajetória de Martin Guerre como uma peça teatral, cheia de golpes e dramas, talvez, esteja fazendo um elogio ao modo de escrita de sua colega, escrita que muito se aproxima de “O queijo e os vermes”, pois, a partir de um sujeito comum, refere-se a toda uma coletividade. Assim como Ginzburg, ela também preza pela narrativa e pela contextualização de seu personagem.

A história, pela escrita de Carlo Ginzburg, torna-se uma narrativa que não supõe, não especula, mas por meio de indícios, sinais, vestígios, fios, constrói uma narrativa que concilia a pesquisa e a imaginação histórica. Ao historiador é possível imaginar, porém, a partir de Ginzburg, lhe é vedado inventar. Trata-se de uma obra fecunda, de indispensável leitura para se entender a dimensão da história nos dias atuais. Não é um livro de uma ou duas leituras, tem uma linguagem densa e de uma erudição que é características desse autor, todavia, é um desafio, é um convite ao debate.

A meu ver, um parágrafo parece fornecer pistas importantes sobre a historiografia contemporânea, em poucas palavras Carlo Ginzburg sintetiza seu projeto.

Hoje, a insistência na dimensão narrativa da historiografia (de qualquer historiografia, ainda que em diferente medida) se faz acompanhar, como se viu, de atitudes relativistas que tendem a anular de *fato* qualquer distinção entre *ficção* e *história*, entre narrações fantásticas e narrações com pretensões de verdade. Contra essas tendências, ressalte-se, ao contrário, que uma maior consciência da dimensão narrativa não implica uma acentuação das possibilidades cognitivas da historiografia, mas, ao contrário, sua intensificação. É precisamente a partir daqui, portanto, que deverá começar uma crítica radical da linguagem historiográfica de que, por ora, só temos algumas referências (GINZBURG, 2008: 329).

Olhemos novamente para a obra de Caravaggio. Judith ainda contempla o

corpo de Holofernes, o corpo ainda em vida se debate, talvez seja esse o motivo que faz ela se afastar, seu olhar espera que tudo aquilo chegue ao fim, a velha, espera a cabeça do grande rei, e aquilo logo terá fim, será um novo tempo para aquele povo. Ginzburg, também olha para seu projeto, talvez olhe com medo, talvez contemple a historiografia atual como algo que vive em movimento, ou melhor, em movimentos. Ele sabe que o tal “ataque cético”, não chegou ao fim, e se quiser combatê-lo precisará escrever muitos mais, precisará de outros fios.

### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. O Caçador de Bruxas: Carlo Ginzburg e a análise historiográfica como inquisição e suspeição do outro. *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa, ano 15, n. 21, jul./dez. 2009, p. 45 – 64.

\_\_\_\_\_. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. IN; \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GINZBURG, Carlo. Andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 1989; GINZBURG, Carlo. *História noturna*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

\_\_\_\_\_. O massacre dos judeus e o princípio da realidade. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A escrita da história: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2008 p. 211-232.

\_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas, Sinais*. 2. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 143-179.

LIMA, Henrique Espada. Narrar, pensar o detalhe: à margem de um projeto de Carlo Ginzburg. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 101.

MAINENTE, Renato Aurélio; GAGLIARDO, Vinicius Cranek. O estatuto da história e seu papel social: um resgate do debate epistemológico a partir da década de 1970. *Ars Histórica*, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2010, p. 68-79.

PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. São Paulo: UNESP, 2000, p, 287.

RIBEIRO, Renato Janine. Posfácio “O queijo e os vermes”. In: GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.